

**BLADE RUNNER E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO**Roseli Gimenes (Universidade Paulista-UNIP)¹

Resumo: Apontar as relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de: *Blade Runner* e *Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss. Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo. Não a Fantasia, mas a ficção científica. Nessa relação, os sintomas da cultura contemporânea com Lucia Santaella, *O corpo como sintoma da cultura*, e Yuval Harari com *Homo Sapiens* e *Homo Deus* investigando deificação, felicidade e imortalidade. O que obras e filmes mostrarão: o ser humano fabrica bonecos semelhantes a si na busca de eternizar sua imagem como os replicantes ou como o robô de *Inteligência Artificial*. Ao fim e ao cabo, a busca do desejo. Do desejo de ao menos continuar sonhando.

Palavras-chave: literatura de ficção; cinema; inteligência libidinal

Introdução

Este trabalho busca analisar as interações, convergências e conflitos entre as imbricações de literatura, cinema e psicanálise partindo do termo ‘inteligência’: artificial, emocional, coletiva, libidinal. Literatura e psicanálise mantêm relações bastante estreitas. A matéria básica de ambas é o elemento linguagem. Há uma fala e uma interpretação que as permeia. Há a cura, pela psicanálise, de um real sintomático que não se suporta mais pelas vias imaginárias. Como isso se dá? Por meio do simbólico. Em se falando, pode-se curar. Usando a linguagem. Assim, a literatura - pelo poeta - expressa-se no simbólico: no texto. Texto fala. Desde que Freud instaurou a psicanálise, ela vem permeando a análise de textos literários e a literatura tem dado contribuições generosas aos psicanalistas. E as relações entre cinema e psicanálise já começam pelo próprio escurinho do cinema: todas as imagens são grandes metáforas metonimizadas. Assim como no sonho: *flashes* metafóricos apontam um descondensar interminável de possibilidades de análise. Talvez o cinema possa ser a possibilidade do sonho de olhos abertos. Eis a soma das relações: literatura, cinema e psicanálise. Nessa relação, o estudo da semiótica psicanalítica que aponta, como linha de pesquisa, as manifestações do inconsciente na contemporaneidade. Seu objeto de estudo são os sintomas da cultura, como apontado de acordo com Lucia Santaella em seu artigo de

¹ Pós Doutoranda em Comunicação e Semiótica (COS PUC/SP) com a pesquisa "Inteligência Libidinal". Doutora em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - Processos Cognitivos e ambientes digitais - (TIDD PUC/SP). Mestre em Comunicação e Semiótica - Literaturas - (COS PUC/SP). Contato: roseligi@icloud.com.

2004, *O corpo como sintoma da cultura*, que compreende os processos de produção, de circulação e de consumo de significações na vida cotidiana, segundo o estilo de recalçamento próprio da presente época histórica. Os sintomas seriam os aspectos contraditórios do capitalismo global, que podem ser lidos, escutados e interpretados com o auxílio da semiótica aplicada e da psicanálise em extensão. A onipresença das mídias afeta a subjetividade, individual e coletivamente. O ser-no-mundo atual decorre da mediatização da existência, a ser entendida como um fenômeno irreversível, onde a tecnologia permite estruturar os processos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos de grande parte da população. Assim sendo, a realidade social construída pelos meios de comunicação define um campo de investigação privilegiado, pois ali se cruzam os aspectos simbólicos e imaginários da ideologia. Dentro das produções da indústria cultural, tem especial importância um tema abrangente, porém, específico. A sexualidade e suas representações, até pouco tempo atrás censuradas no Ocidente, fazem parte hoje das paisagens urbanas, de forma aberta. Tamanha visibilidade, rapidamente integrada no dia a dia, na literatura, na propaganda, na televisão, no cinema, na internet, se apresenta como um fato consumado, a ponto de parecer banal. Mas nunca foi, nem poderia ser. Nessa indústria cultural insere-se o cinema como produção híbrida e que, desde *Metrópolis* (Fritz Lang, 1927) até o recente *Fragmentado* (M. Night Shyamalan, 2017) ou *Blade Runner 2049* (Denis Villeneuve, 2017), tem trabalhado as questões não apenas da sexualidade, mas a tecnologia hoje vista como inteligência artificial. As relações triádicas de literatura, cinema e psicanálise estão muito bem trabalhadas no primeiro *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982). Nesse filme nos deparamos com a base literária de Philip K. Dick, *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1975). Não se trata de transposição literária para o cinema, mas de uma base - de fato - de argumento para o filme de Scott. Basta um olhar ao título da obra de Dick para a percepção de como o sonho, principal referente freudiano, perpassa a questão da inteligência humana para a percepção robótica. Como se dão esses sonhos, sim, é trabalho de análise psicanalítica. Semelhante caso é o do filme *A.I. Artificial Intelligence* (A. I. Inteligência Artificial título no Brasil e em Portugal), uma ficção científica de Steven Spielberg lançada em 2001, a partir de um projeto de Stanley Kubrick, sobre a possibilidade da criação de máquinas com sentimentos. O roteiro criado por Spielberg foi baseado em um conto de Brian Aldiss chamado *Supertoys Last All Summer Long* (2001). Assim, são objetivos deste trabalho as relações frutíferas que

a literatura gera em outros códigos, em outras linguagens, proporcionando aquilo que conhecemos como literatura comparada. Neste caso, especificamente, as relações entre literatura, cinema e psicanálise entremeadas pelos sintomas da cultura contemporânea, notadamente, a da Inteligência Artificial. Autores como Yuval Noah Harari, em suas recentes obras, *Homo Deus* (2015) e *Homo Sapiens* (2016), apontam para o pensamento ético que se torna necessário neste momento. Dentro desse objetivo de relações que a literatura propõe, este trabalho marca a presença da psicanálise freudiana e lacaniana, assim como o cinema de trabalho envolvendo as questões da inteligência, notadamente a inteligência emocional, libidinal, artificial. Todas cabíveis em filmes ditos de ficção científica sem que necessariamente partam de obras literárias desse gênero.

O presente estudo começa por buscar os conceitos do que é inteligência, passando por observar mais profundamente o que é inteligência libidinal, caminhando por apontar as relações entre inteligência libidinal no cinema, para em seguida entrelaçar cinema, psicanálise e literatura de ficção e, finalmente, para tentar construir uma conclusão.

Entendendo o que é inteligência

Discutindo o termo inteligência, no sentido educacional e de aprendizagem, é possível o trabalho com as teorias de Piaget (1958). Para Piaget, a inteligência só existe na ação. Inteligência é uma propriedade da ação que maximiza o seu poder adaptativo.

Para Vygotsky (1994), há conceitos que se tornaram incontornáveis na área do desenvolvimento da aprendizagem. Um dos conceitos mais importantes é o de Zona de desenvolvimento proximal, que se relaciona com a diferença entre o que a criança consegue realizar sozinha (zona de desenvolvimento real) e aquilo que é capaz de aprender e fazer com a ajuda de uma pessoa mais experiente (zona de desenvolvimento potencial), representado por: adulto, criança mais velha ou com maior facilidade de aprendizado etc.

E, para Chomsky (2006), a linguagem é como um instinto. Ele é o primeiro linguista a revelar a complexidade do sistema e talvez o maior responsável pela moderna revolução na ciência cognitiva e na ciência da linguagem. Antes, as ciências sociais eram dominadas pelo behaviorismo, a escola de Watson e Skinner, que não estudavam os processos mentais e rejeitavam a existência de ideias inatas.

Discutindo a questão da inteligência emocional, apenas para entender o conceito, as clássicas teorias de Daniel Goleman (1995), considerado o pai da Inteligência Emocional. Ele é um psicólogo, escritor e PhD da Universidade de Harvard, nos

Estados Unidos. O especialista foi o responsável por popularizar o conceito da Inteligência Emocional em todo o mundo por meio do livro *Inteligência Emocional*, publicado em 1986. Goleman ensina que o controle das emoções é essencial para o desenvolvimento da inteligência de um indivíduo.

Discutindo a questão da inteligência artificial, as teorias de John Searle (1991) e Marvin Minsky (2006) são interessantes. A inteligência artificial nos interessa, particularmente, porque grande parte dos filmes analisados trata do tema. Inteligência Artificial (IA) é um ramo da ciência da computação que se propõe a elaborar dispositivos que simulem a capacidade humana de raciocinar, perceber, tomar decisões e resolver problemas, enfim, a capacidade de ser inteligente.

Considerando o interesse deste trabalho, a teoria sobre inteligência libidinal, no entanto, é a que nos interessa.

Inteligência libidinal

Na questão da psicanálise em relação à inteligência, as teorias psicanalíticas de Freud (1975) e Lacan (1983) são o foco deste trabalho. Freud foi de fato um dos primeiros pesquisadores nas ciências cognitivas e um cognitivista consequente. O desconhecimento do interesse de Freud pelo pensamento e pelos fenômenos cognitivos levou seus sucessores a procurar, em diferentes autores, complementos àquilo que faltava nele. As tentativas de articulação ou de integração da teoria de Piaget à psicanálise situam-se nesse horizonte. São destinadas a permanecer como sínteses artificiais e ecléticas enquanto evitarem colocar claramente a questão das relações iniciais da psicologia de Piaget com a psicanálise. Essas relações foram bastante confirmadas, mas são como que recalçadas.

Particularmente, a questão de haver uma inteligência libidinal é estudar obras de Freud e Lacan - citadas - sobre o tema da libido. O que é libido? A palavra libido é de origem latina e significa desejo ou anseio. A libido é caracterizada como uma energia aproveitável para os instintos de vida. Segundo os estudos de Freud o ser humano possui uma fonte de energia distinta para cada um dos instintos gerais. Para Freud, a produção, o aumento, a diminuição, a distribuição ou o deslocamento da libido proporciona a possibilidade de se explicar os fenômenos psicosssexuais. A mobilidade é uma característica importante da libido, entendida como a facilidade de alternância de uma área de atenção para outra. Na área do desejo sexual a libido vincula-se a aspectos psicológicos e emocionais. A energia relativa aos instintos de agressão ou de morte não

possuem uma denominação específica como a libido (instinto da vida). Essa energia supostamente tem os mesmos atributos da libido, porém Freud não chegou a elucidar essa questão. Ao estudar e definir o conceito de libido, Freud também definiu a catexia. Para esclarecer o que é a libido, Lacan, em dado momento do seu ensino, recorre à criação do mito dito da lâmina. É nesses termos que precisa o problema: a libido não é nenhuma coisa de fugaz, de fluido, ela não se reparte, nem se acumula, como um magnetismo, nos centros de focalização que lhe oferece o sujeito; a libido deve ser concebida como um órgão, nos dois sentidos do termo, órgão-parte do organismo e órgão-instrumento. Considerar a libido como um órgão, mesmo em referência à significação do falo, obriga a tomar algumas precauções. Lacan dirá que se trata de um órgão inapreensível ou de um falso órgão, mas essencial para compreender a natureza da pulsão. Como órgão, a libido é irreal. Irreal, previne Lacan, não é de modo algum imaginário. O irreal define-se por se articular ao real de um modo que nos escapa, e é justamente isso que exige que a sua representação seja mítica, como a fazemos.

Considerando as relações entre inteligência e libido, o trabalho segue - em que pese explicar que a inteligência libidinal exigiria aprofundamento teórico² para especificar as relações entre a inteligência libidinal e o cinema, objetos cinematográficos que estudamos aqui.

Inteligência Libidinal e o cinema

Para a análise dos filmes *Blade Runner* e *Inteligência Artificial* observamos a semiótica e a psicanálise, levando em conta a obra de Lucia Santaella (2001) e de Christian Dunker e Ana Lucília Rodrigues (2016) Christian Dunker, Ana Lucília Rodrigues e Henrique Senhorini (2016). Santaella diz que assim como no cotidiano encontramos comumente signos em que há misturas entre as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade – sendo raro o signo genuíno com uma delimitação clara de uma única categoria – também as linguagens híbridas são predominantes em detrimento das linguagens puramente sonoras, visuais e verbais. Ana Lucília explica que se há uma analogia entre o que acontece na vida e o que acontece nos filmes, há uma homologia entre o que acontece nas construções dos filmes e o que acontece na sessão psicanalítica. Uma homologia na relação de produção. É a biologia comparada que

² A questão do estudo sobre Inteligência Libidinal é foco do pós doutoramento em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo de Roseli Gimenes que se encontra em 2018 em fase de pesquisa e construção. Significa dizer que a inteligência libidinal está em fase de construção teórica.

possui o conceito de homologia que significa algo igual, mas diferente, igual porque compartilha uma origem evolutiva comum, diferente porque passou por um processo de evolução. Em síntese, homologia quer dizer semelhança de estrutura e de origem. Os problemas representados pela edição, montagem, roteiro, escolha de enquadres, planos e sequências, definição de trilhas e filtros não constituem apenas um como se analógico ou alegórico, que nos permitiria dizer que a experiência do tratamento psicanalítico é como um filme, no sentido em que se poderia dizer que ela é como uma viagem, como um jogo de xadrez ou de *bridget* ou como um teatro.

Não se pode esquecer que a linguagem do cinema é contemporânea à linguagem do cinema, ambos são filhos do século XX. O cinema entendido como campo de formação de problemas formais sobre a subjetividade e como linguagem, narrativa e discurso sobre suas modalidades de sofrimento. A psicanálise entendida não só como teoria do funcionamento psíquico, mas como método clínico de tratamento e experiência ética de transformação. A articulação entre cinema e psicanálise leva a procedimentos clínicos inerentes à escuta psicanalítica. A contemporaneidade histórica dessas linguagens apresenta características específicas que permitem pensar criticamente seus conceitos.

Cinema e psicanálise teriam muito a dizer. A psicanálise se serve da ficção cinematográfica. O cinema pensa criticamente a linguagem psicanalítica. Significa dizer que o cinema em sua relação com a psicanálise trabalha também, portanto, a inteligência, os signos de linguagem, no caso, a inteligência libidinal.

Os filmes aqui estudados levam-nos a pensar em inteligência libidinal. Ambos são obras de ficção, no sentido da ficção científica. Tratam de temas, sim, do nosso tempo, caso da inteligência artificial. Convivemos com portas de geladeiras com inteligência artificial. Com luzes que se acendem a comandos de voz. Sistemas que funcionam por retinas. O que chamamos de internet das coisas (IoT), uma rede de objetos físicos, veículos, prédios e outros que possuem tecnologia embarcada, sensores e conexão com rede capaz de coletar e transmitir dados. Vale dizer, então, que os filmes que estudamos abordam temas estudados pela ciência, mas não totalmente comprovados à época de sua elaboração e praticados no cotidiano. A IoT é uma realidade cotidiana, mas quando esses filmes foram realizados ainda eram temas tratados utopicamente e também com base em obras literárias de ficção científica. Sabemos que a ficção científica antecipa muitas das práticas que em futuro próximo se realizam. Nesse sentido, *Blade Runner* é

de 1982 e aponta seres humanos em busca de replicantes, ou seres sintéticos, criados à semelhança humana que se rebelam em dado momento. Na década de 80 a inteligência artificial já era estudada há pelo menos trinta anos, mas não significa que replicantes fossem reais. Ainda que *Inteligência Artificial*, de Spielberg, seja de 2001, bem mais recente, aborda a criação de robôs à semelhança humana. Sim, eles existiam nos anos 2000, mas não dotados de inteligência, diríamos libidinal, e emoção como humanos são.

Inteligência libidinal, cinema e literatura de ficção

Se retomarmos os conceitos acima, é possível estabelecer uma triádica relação: semiótica (signos - linguagem) psicanalítica (libido), cinema (objetos de estudo filmicos) e a literatura de ficção. Partindo do princípio de que já abordamos o termo inteligência e sua relação com a psicanálise e o cinema, tratamos agora de relacionar ambos à literatura. No caso, a literatura de ficção.

A semiótica, parece evidente aqui, é a ciência dos signos e, portanto, analisar um filme significa analisar uma linguagem cinematográfica, um signo. Esse signo é percebido pela comunicação, por sintomas que provoca, pela sensação de, estando em uma sala de projeção, uma sessão psicanalítica. Esse escuro do cinema e esse escuro lugar da análise. Nessa análise, o investigar da inteligência da libido, da inteligência envolvida com o desejo.

Particularmente, são filmes de ficção científica, mas que trabalham essa questão de saber quem somos, o que é feito de nós no olhar de um outro. Esse outro um replicante ou um robô. De que desejos falam? Não será desejo essa literatura de ficção científica? Um projeto futuro de exploração de nossos desejos? Um sintoma da cultura de nossos tempos, de todos os tempos.

Esses dois filmes partem de obras literárias também elas de ficção científica. Afinal, o que é uma ficção científica? Carl Freedman (2000) traça as relações fundamentais e principalmente não examinadas entre os discursos da ficção científica e da teoria crítica, argumentando que a ficção científica é (ou deveria ser) um gênero privilegiado para a teoria crítica. Ele afirma que não é por acaso que o aumento do interesse acadêmico em ficção científica desde os anos 1970 coincide com o auge da teoria literária e que, do mesmo modo, a ficção científica é uma das áreas mais teoricamente informadas da profissão literária. As leituras ampliadas de romances de cinco dos mais importantes autores modernos de ficção científica ilustram a afinidade entre a ficção científica e a teoria crítica, concentrando-se em cada caso em um grande

romance que ressoa com preocupações próprias da teoria crítica. Já dissemos, a ficção científica se baseia em grande parte em escrever sobre mundos, futuros e cenários alternativos possíveis e de maneira racional. Diferentemente da fantasia, no contexto narrativo da ficção científica encontramos elementos imaginários, inspirados em fatos reais ou do passado, que estão cientificamente estabelecidos ou postulados por leis e princípios científicos, ainda que o enredo permaneça imaginativo.

O filme *Blade Runner* (1982) é inspirado, baseado, no romance *Do androids dream of electric sheeps* (1975), de Dick. O autor colocou à obra o subtítulo *Blade Runner - perigo iminente* que remete imediatamente ao título do filme de Scott. Trata-se, quase como no filme, de um caçador de andróides em crise moral. É um romance de ficção científica do escritor norte-americano Philip K. Dick, publicado pela primeira vez em 1968. O romance é ambientado em uma pós-apocalíptica São Francisco em que a vida terrestre foi bastante prejudicada pela guerra nuclear global. A maioria das espécies animais está ameaçada ou extinta por envenenamento por radiação extrema, de modo que possuir um animal é agora um sinal de status e empatia, uma atitude encorajada em relação aos animais. O enredo principal segue Rick Deckard, um caçador de recompensas, que é encarregado de aposentar, matar, seis andróides modelo Nexus-6 que escaparam. Uma trama secundária segue John Isidore, um homem que auxilia os andróides fugitivos. Em conexão com a missão de Deckard, o romance explora a questão do que é ser humano. Ao contrário dos humanos, diz-se que os andróides não possuem empatia. Muito se especulou a respeito do personagem (Deckard) no sentido de que ele se apaixonaria pela replicante com quem trabalha o que sugere ao novo *Blade Runner 2049* - também baseado no livro - (2017), de Denis Villeneuve, essa ideia de um filho do casal. A criança surgida de humano e não humano que sobrevive como a escolhida que deve ser caçada porque prova a falha do sistema.

Inteligência Artificial (2001), de Spielberg, também tem como base a obra *Supertoys last summer long and other stories* (2001), de Brian Aldiss, publicada inicialmente em 1969, contemporânea à obra de Dick. A obra de Aldiss ocorre em um futuro distópico em que apenas 1/4 da população superlotada do mundo é alimentada e vive confortavelmente, as famílias devem pedir permissão para ter filhos. Monica Swinton vive com seu marido Henry e seu filho David, com quem ela se esforça para se relacionar. Ela procura ajuda de Teddy, uma espécie de companhia de brinquedo robô, para tentar entender o porquê ela se sente incapaz de se comunicar com David, muito

menos sentir compaixão por ele. David também pergunta a Teddy se sua mãe realmente o ama e se pergunta se ele é realmente real. Ele tenta escrever cartas para explicar como se sente em relação à mãe e ao conflito interno que enfrenta, mas todas as suas cartas permanecem inacabadas. Enquanto isso, a história salta para Henry Swinton, que está em uma reunião com uma empresa da qual ele é associado, conhecida como Synthtank. Eles estão discutindo formas de vida artificial e seres bio-eletrônicos para desenvolvimentos futuros. Ele discute que a nova IA (Inteligência Artificial) sob produção finalmente resolverá os problemas da humanidade com a experiência de isolamento pessoal e solidão. Monica Swinton descobre as cartas inacabadas de David que retratam falas sobre amor e um ciúme de desprezo por Teddy, a quem Monica sempre pareceu se conectar mais do que com o próprio David. Mônica fica horrorizada com as cartas, mas feliz quando Henry chega a casa e ela é capaz de compartilhar com ele que a família foi escolhida pelo Ministério da População para dar à luz uma criança. Nesse momento revela-se que David é um humano artificial, usado como substituto de uma criança real. Monica confidencialmente diz a Henry que David está tendo problemas verbais de mau funcionamento e deve ser enviado de volta à fábrica imediatamente. A história termina com David pensando no amor e no calor de sua mãe, inconsciente do que vai acontecer a seguir. O menino - robô - é abandonado e o irmão natural passa a ter o amor da mãe, amor que é o maior desejo de David.

As duas obras, assim como os dois filmes, apontam na direção de um tema caro: o desejo. Em ambos, há personagens buscando o desejo. Seja o desejo de ser amado do menino-robô, David, seja o desejo de encontrar a moral perdida que também se revela na busca de um amor. David e Deckard não se importam com a inteligência artificial de que são providos ou que povoa os replicantes. Ambos desejam uma outra inteligência que leve ao amor: a inteligência libidinal. Humana ou não.

Considerações Finais

Se, como Harari (2016) preconiza, o ser humano buscará a deidade, a felicidade e a imortalidade. Assim, o ser humano, à semelhança divina, quer tornar-se deus, não apenas estar à semelhança. Momentos de felicidade já não bastam aos seres, ele quer ser sempre e eternamente feliz. Pensa que sendo deus isso será possível. A imortalidade de espelhar-se em criação de obras, do fato de ter filhos ou de plantar uma árvore também não mais o satisfaz. Ele quer exatamente a imortalidade de seu corpo, quer fugir à morte. Busca essas três coisas, esses desejos, com base na inteligência. O ser é

inteligente para criar o impossível. O impossível, evitar a morte, ser feliz, ser deus. Deuses, já o tentaram ser os povos antigos, como os egípcios que assim se designaram com toda sorte de felicidade que os deuses possuem. Bens, tudo o que se pode obter. Imortalidade em túmulos que os cobriram. Mas seus corpos pereceram, ainda que considerassem que haveria continuidade da vida no além túmulo e, por isso mesmo, levaram para sua última morada terrena muitos bens e seus escravos que os serviriam nessa outra vida. No entanto, para a ciência de até então, seus corpos mumificados pereceram. Eis o atual Egito para mostrar que esses deuses não retornaram e a riqueza que detinham virou pó. Então, a inteligência de que dispunham não lhes proporcionou o resultado que seus desejos buscavam. No século XXI, porém, a inteligência agora tomada como artificial poderia dar conta desse desejo de real imortalidade, deidade e felicidade?

Se tomarmos a ficção científica, que sempre tem base no conhecimento – ou na inteligência – de sua época, voltamos os olhos ao cinema, especificamente, aquele cinema de ficção que vai a busca desses desejos de imortalidade, deidade e felicidade, podemos pensar que a inteligência artificial poderá nos prover de tudo isso? Mesmo os mais antigos filmes baseados nos quadrinhos da ficção que criaram os super heróis estão nessa busca. Mas sempre algo escapa, falha. Vejamos, o super homem é imortal desde que não se choque com a criptonita. É um deus capaz de tudo. E a felicidade? Ele não a tem porque só a obtém em poucos momentos na figura de seu homônimo humano, Clark Kent. É deus, é imortal, mas é infeliz em sua solidão. Para completar o trinômio, todos os demais teriam que ser também imortais e deuses, mas a unicidade também é um tanto a felicidade de saber-se o único na espécie. Quanto de inteligência artificial será necessária? Para todos? Se é verdade possível que poderemos transformar com máquinas qualquer condição de água em potável, se poderemos construir campos verticais com uma agronomia inteligente, se a medicina preventiva nos salvará com nanos robôs de todos os males, qual será a vantagem em ser extremamente feliz se todos os outros também o forem?

Finalmente, não seria talvez interessante que a inteligência emocional ou artificial se voltassem à inteligência libidinal? O que seria essa inteligência, se ela o fosse? Como daria conta, se é que precisaria dar conta, de nossos desejos de deidade, imortalidade e felicidade? Como seria um robô com sua inteligência artificial se nele se concebesse uma inteligência libidinal? O filme *AI Inteligência Artificial* dá-nos uma pequena

amostra quando apresenta um menino – máquina-brinquedo que, exatamente, sofre ao se deparar com tantos outros iguais a ele no laboratório de seu criador. Ele diz, “eu sou um menino!”. Todos os demais dizem a mesma coisa. O encanto, ainda que passageiro, ser-lhe-á dado a um toque de mágica da fada azul. Um ínfimo momento de prazer com a mãe que o toma como seu menino e lhe diz, “eu te amo”. Eis a energia da libido. Como tê-la? Como ter essa inteligência libidinal?

Referências

ALDISS, Brian. **Supertoys last all summer long and other stories**. United Kingdom: St. Martin's Press, (1969) 2001.

BODEN, Margaret A. What is artificial intelligence? In: **Artificial intelligence and natural man**. Brighton, UK: Harvester, 1977.

CESAROTTO, Oscar. **Idéas de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Language and mind**. University Cambridge: New York, 2006.

DICK, Philip K. **Do androids dream of electric sheep?** New York: Ballantine Books. (1968) 1975.

DUNKER, Christian; RODRIGUES, Ana Lucília. **Cinema e Psicanálise - História, Gênero e Sexualidade**. São Paulo: Editora Nversos, 2016, (v. 5).

DUNKER, Christian; RODRIGUES, Ana Lucília; SENHORINI, Henrique. **Cinema e Psicanálise - Afetos em Cena**. São Paulo: Editora Nversos, 2016, (v 6).

FREEDMAN, Carl. **Critical theory and science fiction**. Connecticut: Wesleyan University Press, 2000.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia de la vida cotidiana. **Obras Psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, (v. 6).

GIMENES, Roseli. **Inteligência Libidinal**. Palestra Café Lacaniano. Livraria da Vila, loja Fradique. 02 abr de 2016.

GIMENES, Roseli. **Psicanálise e Cinema**. O cinema de Almodóvar sob um olhar lacanianamente perverso. 2^a ed. São Paulo: Scortecci, 2012.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Sapiens**. Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2016.

LACAN, Jacques. Psicanálise e Cibernética. In: **Seminário 2 - O eu na teoria e na prática da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

MINSKY, Marvin. **The emotion machine**. New York: Simon & Schuster, Touchstone Book, 2006.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. São Paulo: Fundo da Cultura, 1958.

SANTAELLA, Lucia. O corpo como sintoma da cultura. **Revista CMC comunicação mídia e consumo**. ESPM PPGCOM, v.1, n.2, 2004. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/17>>. Acesso em: 29 mar 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**. Sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SEARLE, John. Can computers think? In SEARLE, J. **Minds, brains and science**. London: Penguin, (1984) 1991.

SEARLE, John. Minds, brains and programs. In: BODEN, Margaret A. **The philosophy of artificial intelligence**. Oxford: Oxford University Press, (1990) 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.